

Partidos nanicos já preparam volta à disputa

Só Enéas é candidato assumido à Presidência, mas a maioria sonha com a próxima sucessão

LUIZ AUGUSTO FALCÃO

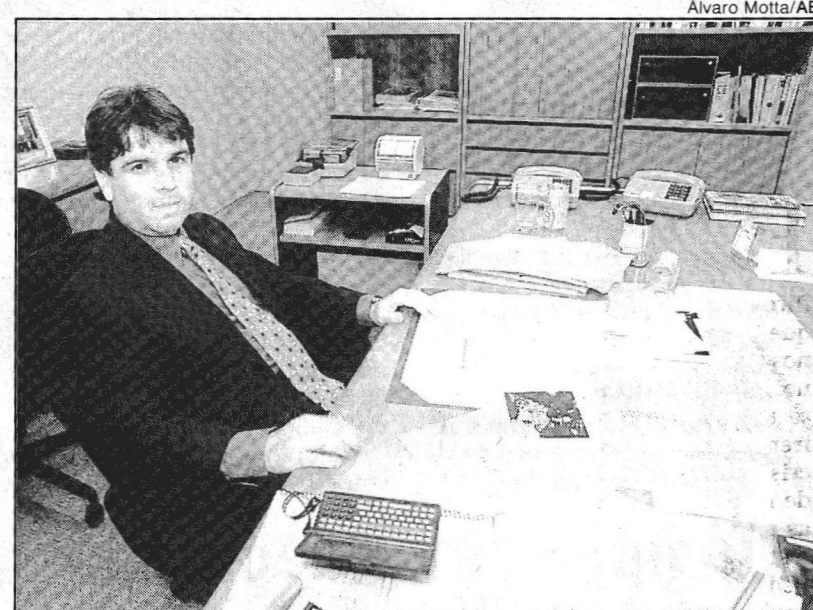
Em sua primeira campanha à Presidência, o cardiologista Enéas Carneiro (Prona) usava 15 segundos de TV para transmitir idéias com a rapidez de uma metralhadora. Agora está mudo: não dá entrevistas, corre de fotografos e sua única platéia são os alunos do curso de eletrocardiografia que criou em São Paulo. Mas o silêncio é provisório. "Doutor Enéas será candidato em 1998", avisa um assessor.

Os seguidores tratam a futura campanha pelo nome cabalístico de "terceiro salto". O primeiro foi em 1989 (77.823 votos). O segundo, em 1994 (4.672.092 votos), quando foi terceiro colocado. "O que vem aí é a grande surpresa do fim do milênio", anuncia um militante do Prona. A tática mudou, mas não o discurso. Uma de suas fixações é a defesa intransigente do monopólio estatal sobre os recursos do subsolo. Com destaque para a bauxita refratária. Ele resolveu calar-se quando descobriu-se que faltava ao trabalho no Hospital da Lagoa, no Rio. "Agora, o doutor Enéas só dá entrevista na próxima campanha", diz um assessor.

Enéas não é o único candidato de partidos "nanicos" a tomar gosto pelo sonho de governar o País. O almirante Hernani Fortuna (PSC) mudou para um domicílio eleitoral mais modesto, Nova Iguaçu (RJ), e faz campanha pelo candidato a prefeito do PSC. Mas não descarta a idéia de disputar a Presidência. "No momento oportuno pensaremos nisso."

Presidente do que restou do PRN gaúcho, o empresário Carlos Gomes não fala de eleições enquanto "a história não mostrar a verdade" — no caso, o reconhecimento do ex-presidente Fernando Collor como um dos maiores estadistas do País. "O impeachment foi uma grande injustiça, Collor iniciou o processo de modernização adotado pelo atual governo."

Até os candidatos cassados pela Justiça Eleitoral têm planos. O empresário Walter Queiroz foi trocado por Gomes por não defender Collor. Não se abalou. Hoje no Partido Republicano Progressista (PRT), vai disputar a prefeitura de Salvador e, "dependendo da conjuntura", a Presidência. Já em campanha, defende teses curiosas. "Inflação é um fenômeno sem a menor importância econômica", diz. "Não sei porque o presidente Fernando Henrique se preocupa tanto com isso."



Rocha: "Tudo não passou de uma trama contra o imposto único"



Matanó, com bandeira do PT do B: crescimento

A campanha de 94 deixou vários políticos magoados. O empresário Flávio Rocha (PL) se sente o mais magoado de todos. Foi afastado a poucos dias da eleição, acusado de fraudar bônus. "Tudo não passou de uma trama contra o imposto único", garante, referindo-se à bandeira única de sua campanha. Para esquecer, passou um ano nos EUA. De volta há um mês, assumiu o comando das lojas da família, Guararapes e Riachuelo. "Nasci para ser empresário." Mas ele tem planos políticos. Aos 37 anos, quer se aposentar em 2025. E desde já é

feito carioca, o PT do B terá candidato próprio, aliado ao PSC. Na pequena sala do centro de São Paulo, sede nacional do partido, Matanó fala de seus projetos. "Quero fundar um centro de estudos igual ao Cebrap de FH", revela. "Depois criarei a Central de Trabalhadores Cristãos."

A Justiça Eleitoral deu ao Partido Brasileiro de Defesa dos Direitos da Mulher (PBDDM) da advogada Aldenora Sá Porto o mesmo destino do PT do B. No ano passado, a quase ex-candidata à Presidência só queria divulgar o partido. Hoje, acha que suas chances seriam maiores: "Eu iria fazer uma barulheira", diz, sem afastar a idéia de se candidatar em 98. "Sou política, a vida toda vivi política."

■ Colaborou Carla França

QUEIROZ
VAI TENTAR
PREFEITURA
DE SALVADOR